

Alguma esperança Leite materno

Edward St Aubyn

Traduzido do inglês por
Daniel Jonas

SEXTANTE EDITORA
FICÇÃO



Patrick despertou com a consciência de ter sonhado, sem todavia conseguir recordar-se do conteúdo do sonho. Sentiu a dor familiar de tentar localizar algo que acabara de desaparecer dos limites da consciência mas que poderia ainda ser inferido da sua ausência, como um remoinho de papéis provocado pela passagem de um carro veloz.

Os fragmentos obscuros do seu sonho, o qual pareceu ter ocorrido junto a um lago, intersetaram uma encenação de *Medida por medida* a que ele tinha assistido na noite anterior com Johnny Hall. Apesar da opção por um terminal de autocarros como cenário da peça, nada poderia diminuir o choque de ouvir repetida tantas vezes numa só noite a palavra «misericórdia».

Quem sabe se todos os seus problemas não remontariam a uma escolha errada de vocabulário, pensou ele, com um breve assomo de entusiasmo que lhe permitiu libertar-se dos lençóis da cama e contemplar a hipótese de se levantar. Movimentava-se num mundo em que a palavra «caridade», como uma mulher bonita ensombrada por um marido ciumento, era invariavelmente modalizada pelas palavras «almoço», «comissão» ou «baile». Ninguém tinha tempo para a «compaixão», ao passo que a «indulgência» ia fazendo frequentes aparições sob a forma de queixas relacionadas com penas de prisão leves. Ainda assim, ele sabia que as suas dificuldades assumiam um carácter mais fundamental.

Desgastava-o uma necessidade de estar sempre em dois lugares ao mesmo tempo: no seu corpo e fora dele, na cama e no varão da cortina, na veia e no cilindro, com um olho atrás da pala e outro olhando a pala, tentando sair deste estado de observação através

de um estado de inconsciência, mas sendo depois forçado a observar as franjas da inconsciência e tornar visíveis as trevas; cancelando todo o esforço, mas estragando a apatia com inquietude; atraído por trocadilhos mas repellido pelo vírus da ambiguidade; inclinado a dividir frases ao meio, articulando-as com a reserva de um «mas», mas desejando desenrolar a sua língua recolhida como a de um geco e apanhar a mosca avistada à distância com uma capacidade resoluta; desesperado por escapar à autossubversão da ironia e dizer o que verdadeiramente queria dizer, sendo que o que verdadeiramente queria dizer só a ironia o poderia transmitir.

Já para não falar, pensou Patrick, enquanto volteava os pés para fora da cama, dos dois lugares onde gostaria de estar aquela noite: na festa de Bridget e *não* na festa de Bridget. E muito menos estaria na disposição de jantar com pessoas chamadas Bossington-Lane. Haveria de telefonar ao Johnny para combinarem jantar só os dois. Marcou o número mas desligou imediatamente, preferindo voltar a ligar depois de fazer chá. Mal tinha acabado de colocar o auscultador no descanso quando o telefone tocou. Nicholas Pratt ligava para lhe repreender a falta de resposta ao convite para Cheatley.

– Não precisas de me agradecer – disse Nicholas Pratt – por te convidar para a noite resplandecente de hoje. Devo ao teu saudoso papá tratar de te pôr na crista da onda.

– Estou a afogar-me nela – disse Patrick. – Seja como for, preparaste-me o caminho para Cheatley já na altura em que trouxeste a Bridget a Lacoste, tinha eu cinco anos. Até nessa altura dava para ver que ela estava destinada a encimar os picos da sociedade.

– Eras demasiado malcomportado para reparar em algo tão importante quanto *isso* – disse Nicholas. – Lembro-me de quando uma vez em Victoria Road me deste uma canelada. Fui a coxear pelo corredor a tentar disfarçar a minha agonia para não preocupar a tua santa mãe. Como vai ela, por falar nisso? Anda completamente desaparecida.

– É extraordinário, não é? Ela deve achar que há coisas melhores para fazer na vida do que ir a festas.

– Sempre me pareceu um tanto peculiar – disse Nicholas com ponderação.

– Tanto quanto sei, está a tratar de uma consignação de dez mil seringas para a Polónia. As pessoas dizem que é maravilhoso da parte dela, mas eu continuo a defender que a caridade começa em casa. Ela poderia poupar-se à viagem e trazê-las a minha casa – disse Patrick.

– Pensei que já tinhas posto isso tudo para trás das costas – disse Nicholas.

– Para trás, para a frente... Isto aqui pela Área Cinzenta é difícil de dizer.

– É um modo um tanto melodramático de se falar aos trinta anos.

– Pois é, mas, sabes – suspirou Patrick –, desisti de tudo e não compensei com nada.

– Poderias começar por levar a minha filha a Cheatley.

– Receio que me seja impossível – mentiu Patrick, que não suportava Amanda Pratt. – Vou aproveitar outra boleia.

– Muito bem, vê-la-ás nos Bossington-Lanes – disse Nicholas.

– E quanto a nós, ver-nos-emos também na festa.

Patrick tinha estado relutante em aceitar o convite para Cheatley por vários motivos. Um deles era que Debbie iria lá estar. Após anos a tentar dar-lhe guia de marcha, muito lhe espantou o seu sucesso repentino. Quanto a ela, parecia que nada, na sua longa relação, lhe era mais agradável do que desapaixionar-se. E como poderia censurá-la? Patrick sofria agora pelas desculpas que nunca pedira.

Nos oito anos que se seguiram à morte do pai, a juventude de Patrick acabara por se escoar sem que tivesse sido substituída por quaisquer indícios de maturidade, a não ser que a tendência para a tristeza e a exaustão proveniente de procurar eclipsar o ódio e a insanidade pudessem ser chamadas «maturidade». A sensação de alternativas que se multiplicavam e de caminhos que se bifurcavam fora trocada por uma desolação de cais, a contemplar a longa lista de barcos perdidos. Fora sujeito a um programa de desmame do seu vício de drogas em várias clínicas, deixando a promiscuidade e as festas numa marcha indecisa, como tropas que perderam o seu comandante. O seu dinheiro, corroído pela extravagância e por despesas médicas, mantivera-o a salvo da pobreza, pese embora fosse insuficiente para lhe proporcionar uma fuga ao aborrecimento. Muito recentemente, para horror seu, apercebeu-se de

que precisava de arranjar trabalho. Assim, optou por ir estudar direito, na esperança de poder encontrar algum prazer na defesa do maior número de criminosos possível, com o intuito de os livrar da cadeia.

A sua decisão por direito levou-o a ponto de alugar *Doze homens e uma sentença* num videoclube. Passara, além disso, dias seguidos de um lado para o outro a demolir testemunhas imaginárias com reparos humilhantes, ou a apoiar-se em móveis enquanto atirava com crescente desdém frases como «Devo recordá-lo de que na noite do...», até recuar e, convertendo-se na vítima do seu próprio interrogatório, colapsar numa convulsão de soluços histriónicos. Comprara também alguns livros, como *The Concept of Law*, *Street on Torts* e *Charlesworth on Negligence*, e esta pilha de livros de direito competia agora pela sua atenção juntamente com velhos favoritos como *O crepúsculo dos deuses* e *O mito de Sísifo*.

Um par de anos antes, à medida que as drogas perdiam o seu efeito, começara a vislumbrar como deveria ser estar sempre lúcido, um canal de consciência ininterrupto, um túnel branco, oco e sombrio, como um osso com o tutano chupado. Dava por si a murmurar «Quero morrer, quero morrer, quero morrer» no meio da tarefa mais corriqueira, arrastado por um desmoronamento de remorsos, enquanto a chaleira fervia ou a torrada saltava.

Ao mesmo tempo, o passado jazia diante dele como um cadáver à espera de ser embalsamado. Era despertado todas as noites por pesadelos implacáveis; demasiado assustado para dormir, saltava para fora dos lençóis embebidos em suor e fumava cigarros até que a alvorada rastejasse pelo céu, lívida e suja como lamelas de um cogumelo venenoso. O seu apartamento em Ennismore Gardens estava repleto de projeções violentas, uma expressão sombria da bobina infundável de violência que continuamente passava na sua cabeça. Constantemente no limiar da alucinação, pisava um chão que ondulava suavemente, como uma garganta engolindo.

Mas o pior, à medida que a batalha contra as drogas conhecia avanços significativos, era perceber como tudo aquilo camuflara, afinal de contas, uma luta para não se tornar como o seu pai. A tese de que o homem mata o que ama parecia-lhe não passar de uma suposição fantasiosa quando comparada à quase certeza de um

homem se transformar no que odeia. Havia, claro, aqueles que não odiavam nada, mas estavam demasiado distanciados de Patrick para que este pudesse imaginar-lhes o destino. A memória do pai hipnotizava-o ainda e atraía-o como um sonâmbulo que se dirige a um precipício de emulação involuntária. Sarcasmo, snobismo, crueldade e traição afiguravam-se-lhe menos repugnantes do que os terrores que os tinham trazido à existência. Que mais poderia fazer senão tornar-se um autómato que transforma terror em desprezo? Como poderia baixar a guarda quando feixes de energia neurótica, como holofotes varrendo um recinto prisional, não deixavam que nenhum pensamento se evadisse nem nenhuma observação escapasse livre de inspeção?

O desejo de sexo, o fascínio por um corpo ou outro, a breve adrenalina de um orgasmo, tão mais débil e tão mais custosa do que o êxtase obtido com a droga, mas semelhante a uma injeção, constantemente repetida porque o seu papel era essencialmente paliativo – tudo isto era compulsivo o suficiente, mas as complicações sociais eram avassaladoras: a traição, o risco de gravidez, de infeção, de ser descoberto, os prazeres do roubo, as tensões que afloravam em circunstâncias de outro modo muito entediantes; e a maneira como o sexo se fundia com a penetração de círculos sociais cada vez mais autoconfiantes, onde porventura pudesse descobrir um lugar de descanso, um equivalente vivo à intimidade e à confiança oferecida pelo abraço tentacular dos narcóticos.

No momento em que Patrick tentava alcançar os seus cigarros, o telefone soou outra vez.

– Então, como vai isso? – perguntou Johnny.

– Preso a uma daquelas divagações argumentativas – respondeu Patrick. – Não sei por que razão tendo a achar que a inteligência consiste em provar que posso ter uma discussão inteira só comigo. Não seria mau compreender qualquer coisa, só para variar.

– *Medida por medida* é uma peça muito argumentativa – disse Johnny.

– Bem sei – disse Patrick. – Acabei por aceitar teoricamente que as pessoas devem perdoar numa base «não julgueis para que não sejais julgados», mas não há qualquer autoridade emocional para isso, pelo menos não nessa peça.